

Agostinho Neto: no dia seguinte ao da tua morte*

Eles vieram logo no dia seguinte ao da tua morte
Suas pequenas asas abriam poços negros nas dunas de escarlate
nesse manto de seda aberto ate à boca do Cunene
Delas emergiam dentes ávidos de rasgar de vermelho

todos os mantos da terra lá em baixo e os pescoços
lisos da inocência sucos de redondas crateras
Vinham erguidas da Namíbia essas asas dos Bothas
distribuindo do alto generosas cachecóis de sangue

incendiando ainda de mais rubro as dunas semoventes
do deserto de Moçâmedes os próprios imbondeiros
atarracados em milhões de pedras idosas de
milhões de anos Voaram sobre a boca impávida

do Bimbe a goela impotente da Tundavala
No voo carótidas cortadas a modestas casas
a empresas a nascer até as cordas vocais
ficaram mudas do fogo: sortilégio das penas

de chumbo dos Bothas Animais fugiram para onde
nunca houvera que beber Homens correram
salamandras a salvar o que pudessem: uma mesa

* Incluído depois em AA.VV. – *Um postal para Luanda*. Lisboa: Vega, s/d, pp. 52-53.

uma criança E lembravam as datas que das cinzas

se renasce as tuas datas o 4 de fevereiro o 11
de novembro Então de carvões à superfície mortos
também nasceram grandes asas: era a vez de salvarem
seu reservatório alado Lá em cima surdos

à punição que as salamandras lhes prometem
os carrascos do Soweto os assassinos da Swapo
saudados pelo braço erguido de Savimbi o pide
negro imperador da coragem de te saber

no catre da morte “agora (pensou) de vez vencido”
As flores mal tinham sido postas no teu caixão
E as multidões para sempre vivas na tua alma
aguardavam o teu corpo seu motor paralisado

Mas os Savimbis do mundo capangas de capangas
gurus de todas as cáfilas e choldras dos monturos
aprendizes de vampiros suas pequenas asas
despontando para o voo que só fere de poços negros

os mantos que há de seda sobre a terra bicos
emergindo sequiosos de semearem crateras
Ah! eles arderão em fogo altíssimo ao sopro
da tua Voz que ressoará para sempre de Sacratíssima Esperança

e inabalável Certeza por todos os recantos de Angola
e das Angolas do mundo Certo: eles virão mais algumas
vezes abrir poços negros nas dunas de escarlata
e distribuir magnânimos mais cachecóis de sangue

Porém da boca já pávida do Bimbe rugirá a tua Voz
sairá gritando da garganta já não impotente da Tundavala
A salvo ficarão os pescoços lisos da inocência
Bothas e Savimbis serão no fim seu próprio Poço Negro

Alexandre Pinheiro Torres

Cardiff, 27 de setembro de 1979